

# O ARBITRO DAS CAROLINAS

COMO A QUESTÃO É «LATINA»... COMPETE AO PÁPA...



— O pápa... pápo?  
 — Pois está visto... Não é o que tens icito sempre?... Vae papando, comtanto que te não lumbres de me papar a mim... Lembra-te de que sou o pápa...



VIAGENS AO PAIZ DA RAINHA ASNEIROFF

(Continuado do n.º 21)

4.ª CARTA AO SR. DE ZOLA

Meu caro amigo

Uma das feições mais acentuadas do grande mundo de Asneiroff é a vadiagem. Ser inútil é a primeira recommendação e quasi a unica apresentação meritoria para o ingresso no templo magestoso do *high-life* de lá.

Os ineptos são em cardume e nascem como os cogumellos, nas estrumeiras.

Depois apparecem mascarados e vão aos grandes jantares com o emproamento ativo dos *champignons*.

Vi-os por toda a parte. E quando tropeçava n'elles, recordava-me dos grandes charcos d'onde sahe a infinita chusma dos mosquitos venenosos.

Nos bailes, nas corridas, nos theatros, no parlamento, na bolsa, na imprensa, no Paço, na Egreja, nas praias... sempre e por toda a parte surge um inútil, um frívolo e um idiota.

Vão aos bailes, não para amar ou para o cerebro descansar da grande fadiga do dia. Entram nos sarãos, engajados pelos conserveiros ou fornecedores de vinhos, para devorarem, como esfomeados de toda uma semana, as iguarias apparatusas ou os licores perfumados, de modo que nada volte para a loja ou para a adega.

Não vão ás festas para pedirem á mulher solteira uma flôr do seu gentil *bouquet* de donzella, ou para admirar, entusiasmados, qualquer formosura que se destaque. Nada d'isto.

Vestem a sua casaca puida e calçam a sua pantalonina com fundilhos para se encostarem á porta dos salões e piscarem o seu olho de faia patife a uma viuva, que é tresloucada, ou a qualquer impura, que trata o marido por um diminutivo aterrador.

E, ao passo que as solteiras se quedam reclinadas nos fofos damascos das *meridianas* attrahentes, os maráus, de cuecas sujas e de meias d'algodão barato, vão áquellas reuniões contractar ligações duvidosas, que elles, no seu calão immoral, denominam um *bom partido*!

N'esta especie de loteria, em que o premio é o vicio e em que a virtude faz o papel de cautella branca, os mariolas jogam sempre com a vaidade de qualquer velha devassa, e desdenham com um sorriso biltre da mulher modesta, que sonha com a castidade, em quanto as prostituídas aticam os amantes com a luxuria quente das suas carnes pintadas.

(CONCLUE NUPHUXINO NUMERO)

CHRONICA

O theatro de D. Maria abriu com a *Arlesiana*.

Aquillo nom é poça. Aquillo é um depósito por grosso de innocencia, de candura, de ingenuidade, de moral, e de bons costumes!

Parece uma historia do *menino virtuoso* de Vendas Novas, personificado na actriz Rosa Damasceno ...



Todas as vezes que a sr.ª Rosa abo o calix—a bocca, queriamos dizer—começam os rabecões a chorar na orchestra lagrimas como punhos!

Não nos conta nada... senão por musica...

Faz lembrar aquella virgem do conto, a quem uma fada bemfazeja deu o condão de deitar, sempre que fallasse, perolas pela bocca fora, em vez de deitar perdigotos—como fazem algumas virgens das nossas relações...



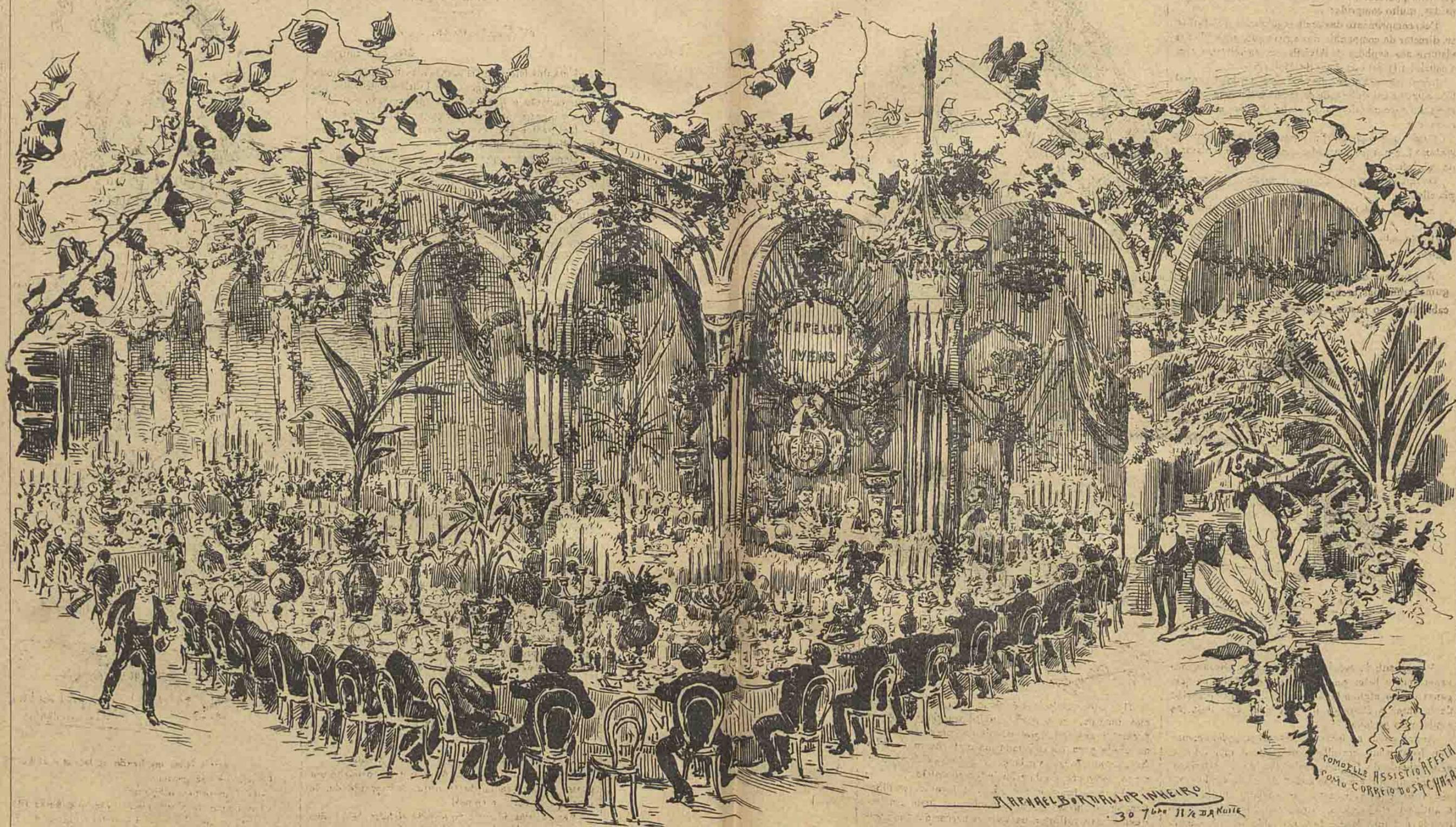
«muito vedado ao espirito do burlesco»  
 Luciano Borzini

Em a actriz Rosa mechendo os labios é como se ordenasse em voz grossa:

—O' Jesuino toca o hymno!

O pastor Brazão, um homem que vive lá nas alturas, lá muito em cima, quasi naredeas meias com o rui

O BANQUETE OFFERECIDO PELA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA  
NO RESTAURANT DO JARDIM ZOOLOGICO AOS EXPLORADORES CAPELLO E IVENS



O jantar, organizado por Cascaes — um primor!

A ornamentação, dirigida por Vaile — uma belleza!

Os pácsinhos Capello e Ivens fabricados pelo Rufino d'Almeida — uma delicia!

dos astros, como se morasse n'um sexto andar da calçada de S. Francisco, conta-lhe a historia da cabrinha que viu parecer junto a si «duas orelhas muito com pridas, muito compridas...

Pelo comprimento das orelhas julgámos que fosse o sr. director da companhia das aguas que, andando em vistoria aos syphões de Alviella, se encontrasse com a cabrinha lá para os sitios de Alpiarça...

Afinal não era o sr. director: era um lobo, o qual lobo comeu a cabrinha toda de madrugada, como quem toma um copo de leite da dita cabrinha com morangos e assucar.

Desde que o pastor lhe conta a historia, o *menino virtuoso* fica-nos um massador encartado com a historia da cabrinha.

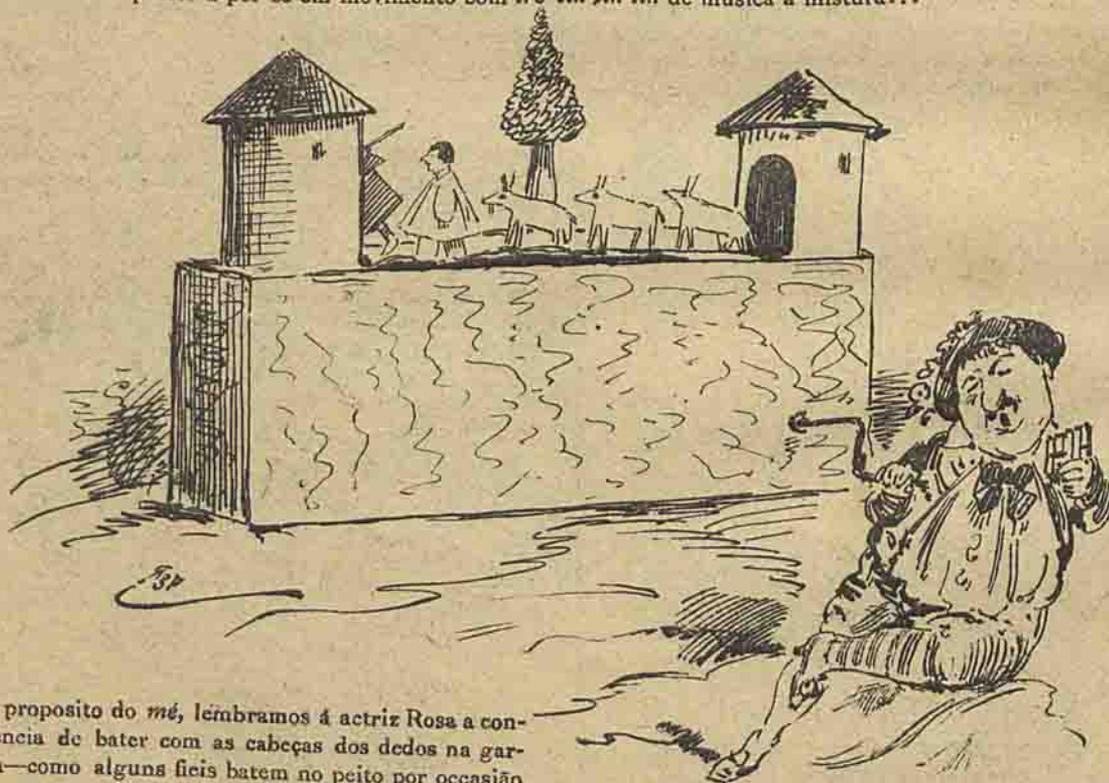
De quando em quando toca a musica e ahi principia elle:

— Mé!... isto é a cabrinha... Uh!... isto é o lobo...

Parece que anda a gente a passeiar no Jardim Zoologico.



A synthese da peça está finalmente n'aquelles antigos realejos para creanças, de que ainda existem algumas reliquias archeologicas no bazar dos tres vintens... Em se lhe dando á manivella começam as cabrinhas e o pastor a pôr-se em movimento com *tre lin tin tin* de musica á mistura...



A proposito do *mé*, lembramos á actriz Rosa a conveniencia de bater com as cabeças dos dedos na garganta—como alguns fics batem no peito por occasião de levantar a Deus—o que lhe dará uma imitação ainda mais perfeita.

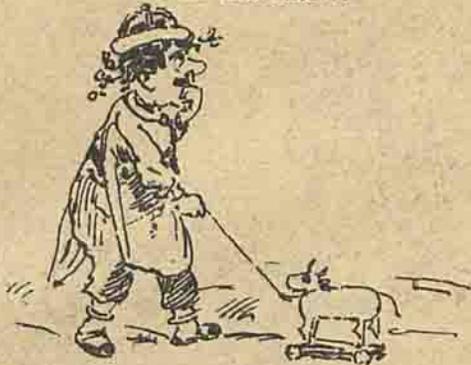
Assim como as iscas do Arsenal se podem comer com batatas ou sem ellas, consoante o appetite e a generosidade do freguez, assim tambem a *Arlesiana* se pode dividir em duas meias doses, servindo um a ate ao fim do terceiro acto, para quem gosta de peças á antiga portugueza, acabando com casamento, como manda a Santa Madre Igreja, e addicionando depois a outra, para os que não pódem passar sem a cabidella do suicidio final.

De resto a *Arlesiana* é, como anteriormente dissémos, uma peça moralissima, muito propria para se representar aos domingos, depois da missa das almas, ou ainda para ser ofertada em cartonagem de *Flós Sanctorum* a todas as crianças impuberes de ambos os sexos, como premio da primeira communhão.

Quem costuma ir aos toiros e levantar os olhos para os camarotes das hespanholas, ou quem usa frequentar os cavallinhos para ver as pernas das *voltrigeuses*, não deve por fórma alguma macular com os seus sacrilegos fundilhos um *fauteuil* de D. Maria.

Aquillo e só para meninas e meninos virtuosos, a quem cumpre assistir á representação de dedo no nariz e trazendo patente.

o panno (tambem patente)  
da sua fralda innocente...



A musica da *Arlesiana* é lindissima, mas por vezes em manifesto desaccordo com as situações da peça.

Quando, por exemplo, a mãe do *Imocente* pede o mólho de chaves a que o *menino virtuoso* esteve puxando o lustro com a manga do casaco, a orchestra devia executar:



«— Qué dê as chaves  
Qui ti dê pa'a b'incá?  
— 'stão aqui na min'a mão,  
Acabadas de lust'a...»

E, quando no final do quarto acto entra a velha que ainda quer amar o pastor mas já não pôde, a musica inquestionavelmente devia tocar:

«Z'uma velha que tinha um gato  
Z'i debaixo da cama o tinha...»

Quanto ao desempenho, não achámos bom nem mau, antes pelo contrario...

A sr.<sup>a</sup> Falco accentua algumas phrases com uma bravura varonil. Quando diz, *verbi et gratia* — Uma

boa rapariga, engole as consoantes, com excepção do r, em que carrega de tal maneira que a phrase até chega a parecer demasiado varonil...

A actriz Virginia, como a peça é toda de ingenuidades, imaginou que estava nas suas sete quintas e foi ao fundo da arca buscar uns restos de *ingenua* que havia economisado d'outros tempos: infelizmente tinha-se esquecido de cobrir a *ingenuidade* com folhas de eucalyptos... e d'ahi a traça entrou com ella...

O actor Brasão é um pastor desempenhado por Othello — com a cara lavada e ensaboadá.

Depois que representou o moiro de Venesa, o actor Brasão deita Othello em todas as peças, como aquelle cosinheiro que deitava cravo de cabecinha até na aietria d'ovos...

E ainda o leitor se insurge ás vezes connosco, porque não sabemos condimentar-lhe os pratos ás exigencias do seu paladar.

Ora nós temos apenas um *personagem*, o sr. Fontes, que cosinhamos em caricatura, prosa e verso, desde que o mundo é mundo — para a nossa pessoa — e não nos accusa a consciencia, nem o paladar, de termos apresentado um só prato com tempero repetido...

O sr. Brazão, pelo contrario, tem sempre personagens diferentes, mas a execução sabe constantemente a Othello como os petiscos do tal cosinheiro sabiam sempre a cravo de cabecinha...

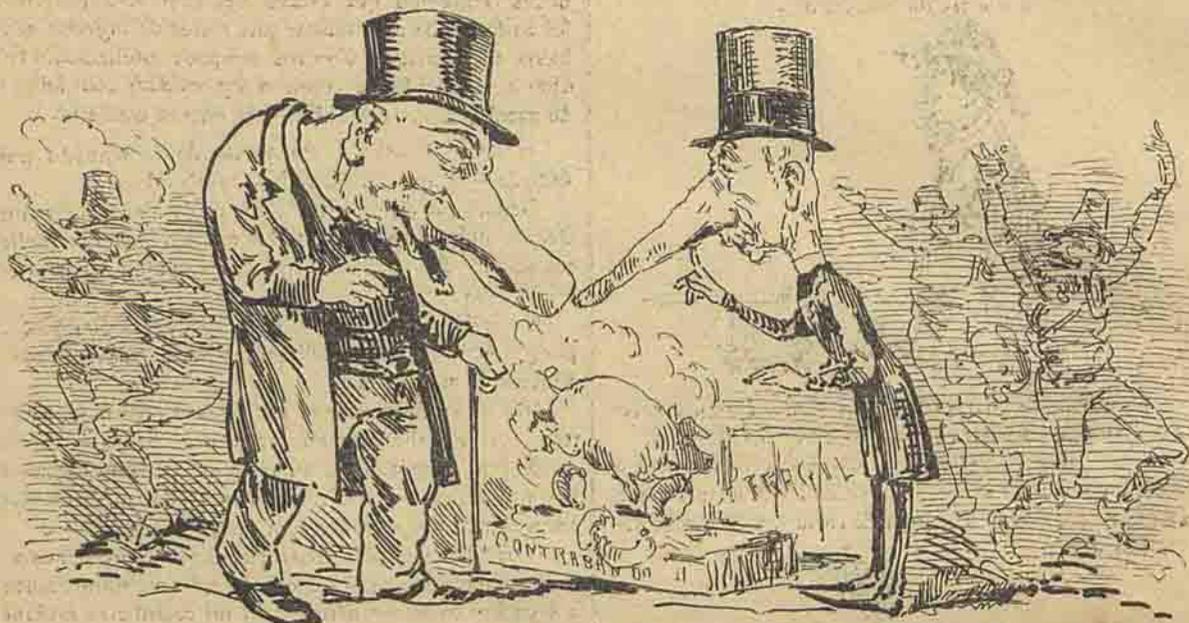
João Rosa quasi que nos fez chorar, não tanto pelos desgostos que lhe deu a tal *Arlesiana*, como por vêrmos a figurar na peça o seu talento nobilissimo, o unico que conseguiu, como Noé, salvar-se milagrosamente d'aquelle diluvio de disparates.



Se tal não succedera, pediriamos a João Rosa que acrescentasse ainda mais um palmo de comprimento á sua já enorme cabelleira, afim de que o não reconhecessemos a representar assim, debaixo d'uma redoma...

PAN-TARANTULA.

## A REFORMA DAS ALFANDEGAS



Não tiveste, Hintze Ribeiro,  
Das ilcias mais felizes  
Ao reformar's por inteiro  
Esses dois bellos narizes!

Onde ha quem tenha altaneira  
Uma penca rija e brava,  
Como o Dias d'Oliveira,  
Como o Menezes Minhava?

Veras crescer em correntes  
O candongueiro execrando,  
Sem ter's penca competente  
P'ra cheirar o contrabando!...



— Havia o cabo geral,  
Co' a sua tropa gentil,  
Mais a guarda municipal,  
Mais o policia civil.

E, p'ra augmentar as delicias  
D'este paiz, d'esta pandega,  
Militarizam policias  
Todos os guardas da alfandega!



E mais um golpe na chaga  
D'este paiz dos calotes...  
— Mais um a que a gente paga  
P'ra que nos vá aos lagotes!...

EU NÃO FAÇO MRLA NINGUEM!